

"EU NÃO SOU MORENA": CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E LITERATURA INFANTIL COMO INSTRUMENTO DE VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

RAYANE OTILIA ZUBA DE OLIVEIRA [1], *rayanezuba90@gmail.com*
MÔNICA MARIA TEIXEIRA AMORIM [1], *monica.amorim@unimontes.br*

[1] Unimontes - Universidade Estadual de Montes Claros

Introdução: o mito da democracia racial funda-se na crença de que o Brasil é um país onde não há desigualdades entre negros e brancos, que estes desfrutam de oportunidades iguais de acesso a direitos e convivem em harmonia (Nascimento, 1978). Pensando no contexto atual, em que o mito da democracia racial ainda se faz presente, trazemos Lélia Gonzalez para dialogar quanto à cidadania e à questão étnica na construção da identidade das crianças negras no Brasil. Em seu livro *Por um Feminismo Afro Latino Americano* (2020), Lélia nos traz situações que ilustram uma experiência vivida pela maioria das pessoas pretas brasileiras: "É a história do mulato, dessas trezentas designações que temos para o neguinho no Brasil para dizer qual é a cor que ele tem. Vai desde preto, preto ao branco, branco passando para o roxo, azul-marinho, roxinho, etc., etc." (Gonzalez, 2020, p. 233). Percebemos como a questão do letramento racial e a autodeclaração ainda são questões que necessitam de atenção. A construção de uma identidade positiva da criança negra pode ganhar força na escola ou até mesmo começar nela e, nesse processo, é necessário que exista uma educação que ajude essa construção e que ocorra de forma fluida e bem direcionada nas crianças. Apesar da obrigatoriedade instituída pela Lei Federal nº 10.639/03 de trabalhar as histórias e culturas afro-brasileiras e africanas nas escolas de educação básica, nem sempre o que se vê nas instituições é essa construção de imagens positivas das pessoas negras. Segundo Nilma Lino Gomes (2005, p. 43), "construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros (as)". Mesmo esse sendo um desafio a ser superado, alguns avanços podem ser notados ao longo dos anos, mas ainda há um longo caminho a ser percorrido. Após visitas realizadas em diversas escolas, percebemos como é a realidade das crianças negras nessas instituições, o que se tornou, então, objeto deste relato. **Descrição da Experiência:** durante o curso de Mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unimontes, foi produzida a dissertação *Corpos Negros: A Literatura Infantil na Educação Básica e suas Representações*, cuja discussão abordou a literatura infantil como instrumento de valorização da identidade negra. O terceiro capítulo dessa dissertação teve como produto a criação de um livro infantil antirracista, e assim surgiu a obra *Quem Foi Que Disse?*. Nele, acompanhamos a história de Nefertari, uma estudante curiosa que se incomoda com comentários e olhares a respeito de sua cor e do seu cabelo e resolve perguntar a sua professora o porquê de sempre passar por situações como essas. A história apresenta uma jornada de autoconhecimento da personagem, que descobre a importância de se amar e se aceitar como é e sobre sua cultura afro-brasileira. Após o lançamento do livro, surgiram convites para rodas de conversas em algumas escolas do município de Montes Claros/MG, nas quais foi contada a história de Nefertari. Foram visitadas em torno de 15 escolas no período entre novembro de 2025 e julho de 2026. Em muitas escolas, pudemos perceber o quanto a maior parte das crianças se sentiu representada pela figura de Nefertari. Em algumas outras, notamos que um número considerável de crianças não tem a percepção de sua raça e nem mesmo os próprios professores sobre seus alunos e sobre si mesmos. "[...] não nascemos negros, nos



tornamos negros. É uma conquista o tornar-se negro." (Gonzalez, 2020, p. 234). A fim de contribuir com a construção da educação para as relações étnico-raciais, o livro traz passagens que apresentam vários tons de pele que podem existir (pessoas pretas, marrons, com vitiligo, brancas), e é nessa parte que as reações dos estudantes nos chamaram atenção. "Tia, eu queria ser marrom igual à personagem do livro" - mas ela era. "Tia, a minha mãe é da sua cor" - mas ela também era. Em uma sociedade em que a identidade das pessoas negras foi alvo de apagamento por movimentos como a eugenia, é comum que pessoas pretas passem a se identificar ou sejam identificadas como "morenas", em razão da dificuldade de se autodeclararem negras, decorrente desse histórico de violência e racismo presente em nossa sociedade. **Discussão:** percebemos que a identidade das pessoas negras é constantemente negada em nosso cotidiano. Inclusive, é mais comum ouvirmos a expressão "morena", uma vez que o termo "negro" foi, durante muito tempo, utilizado de forma pejorativa, até que o movimento negro o ressignificou e passou a assumi-lo com orgulho como expressão de identidade e resistência. Essa visão construída por movimentos eugenistas e eurocêntricos impõe que quanto mais branco, mais privilégios se mantêm. Portanto, constantemente o negro no Brasil será induzido a se considerar moreno. Na escola isso também não é diferente, e a literatura infantil é um poderoso instrumento que pode ser utilizado para desconstruir esse olhar negativo sobre a negritude. É também um excelente instrumento na construção de identidade racial e valorização da população negra. Bárbara Carine afirma, em seu livro *Como ser um Educador Antirracista* (2023), que "mais que uma opção, deve ser um compromisso histórico, um dever da escola, ser antirracista. A escola e, por sua vez, a professora e o professor, precisam pautar a equidade racial em toda a sua estrutura" (Carine, 2023, p. 147). Essa é uma forma de ter uma educação antirracista nas escolas com os alunos. Através da experiência durante as visitas, foi notório como a literatura pode influenciar positiva ou negativamente a autoestima das crianças e a sua visão de mundo. É necessário que os professores busquem literaturas que contenham imagens positivas e que tragam pessoas negras em papéis de destaque, para que as crianças se sintam representadas e acolhidas, sentindo-se parte da história também. **Considerações Finais:** bell hooks (2024, p. 84-85) nos diz que "vivemos numa sociedade em que diariamente nos confrontamos com imagens negativas da negritude. É preciso coragem e vigilância para criar um contexto em que o amor-próprio possa emergir". Pode ser através de imagens positivas e de histórias que trazem essas discussões que podemos começar a construir nossas identidades desde a infância, além de outras ações cotidianas que complementam a teoria e mostram, na prática, que também essas pessoas são importantes e incluídas. A pessoa negra comumente será vista como neguinha, moreninha ou roxinha se não construirmos com os sujeitos uma imagem positiva da negritude, de tal modo que eles tenham orgulho de se autodeclarar e de corrigir aqueles que, "segundo eles, por evitar algum dissabor, chamam aos negros de gente de cor" (Ferreira, 2013). A promoção de uma educação antirracista é parte da luta por valorização das histórias e culturas afro-brasileiras, pela existência de um povo que foi e é constantemente deixado à margem, a ponto de virar uma questão pública que afeta vidas e cujo objetivo se orienta pela manutenção da branquitude em espaços de poder.

Palavras-chave: Literatura antirracista. Raça. Educação Infantil. Escolas. Contação de Histórias.

Agradecimentos: Os autores agradecem à CAPES pelo apoio financeiro.

Referências

CARINE, Bárbara. **Como ser um educador antirracista**. 4ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

FERREIRA, Aline. Gritaram-me negra [poema de Victoria Santa Cruz – Me Gritaron Negra]. **Site Em Diálogo**, 08 out. 2013.

GOMES, Nilma Lino**.** Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Educação antirracista:** caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 39-62.



GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro latino americano.** Organização: Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. **Salvação:** pessoas negras e o amor. Tradução de Vinícius da Silva. Edição digital. São Paulo: Elefante, 2024.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

DOMINGUES, Petrônio José. O mito da democracia racial e a mestiçagem em São Paulo no pós-abolição (1889-1930). **Tempos Históricos**, v. 5, p. 275-292, 2013.